

## Herculano v/s Barros Gomes

O itinerário de Alexandre Herculano é marcado desde cedo por um voluntarismo interventivo à sombra das convicções que musculam o carácter de uma personalidade intrinsecamente moral. Miguel Unamuno considera-o « montanha espiritual de la eterna roca ibérica »;<sup>1</sup> António Sérgio, « símbolo dos mais profundos sentimentos da consciência nacional »;<sup>2</sup> e Alves Mendes, « um homem exorbitante, um homem privilegiado, um talento de raça e um verbo à altura do talento ».<sup>3</sup> A passagem pelos bancos dos oratorianos permitiu-lhe adquirir uma formação humanística em que erudição e rigor primavam, assimilando as regras da disciplina do espírito.<sup>4</sup> Da crença cristã, recebida no lar e ali alicerçada, nunca se desligou por mais fortes que foram os problemas e as dúvidas a enfrentar. Razão teve Vitorino Nemésio ao sublinhar que « o meio é, pois, não só envolvimento, mas herança ».<sup>5</sup> Seria o autodidatismo a barca em que sulcou as marés várias da *noite escura* que lhe robusteceu o orgulho a ponto de lhe endurecer o ânimo «de antes quebrar que, torcer», persistindo até à morte em veredas racionalmente assumidas em que se manteve incólume aos convites de mudança? O que Herculano disse, em 1850, do economista Oliveira Marreca, aplica-se-lhe como uma luva: «carácter grave e austero, digno dos tempos antigos e que a Providência

---

<sup>1</sup> Miguel Unamuno, in *O Instituto*, vol. 85, p. 505, cit. por Vitorino Nemésio, *A Mocidade de Herculano*, I, 2ª ed., Lisboa, Livraria Bertrand, 1978, p. 57.

<sup>2</sup> António Sérgio, *Ensaio*, III, edição crítica, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1972, p. 119.

<sup>3</sup> Alves Mendes, « Herculano. No Templo de Belém, 28.6.88 », in *Discursos*, vol. I, 4ª edição, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1916, p. 129.

<sup>4</sup> Vitorino Nemésio, *op. cit.*, pp. 154-155.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 43.

colocou em meio de uma sociedade gasta e definhada por muitos géneros de corrupção ».<sup>6</sup>

Em inúmeros debates conjunturais e estruturais entrou, e os não menos acesos incidiram sobre questões religiosas. Explicou-se, a propósito, no declinar da vida: « As ideias do século, recalçadas por uma compressão violenta, a que, força é confessá-lo, a maioria do sacerdócio se havia associado, tinham reagido violentamente e assentavam-se triunfantes sobre as ruínas do passado quando eu entrei no campo da imprensa, no campo das batalhas do espírito ».<sup>7</sup> A essência da controvérsia ou da polémica, esclareceu Vitorino Nemésio, é o predomínio da discussão de ideias.<sup>8</sup> E nesse debate, a roçar não raro o extremo da paixão, Herculano era fiel a si mesmo, utilizando, como verdadeiro *maître à penser*, o seu prodigioso arcaboço cultural e consumada garra dialéctica.

Dessas variadas pugnas intelectuais em que interveio, arrastado pela intransigente defesa da verdade histórica ou pelo que entendia ser a justa visão da realidade, serão de recordar: a que sustentou acerca do milagre de Ourique; a do casamento civil; a da presença das irmãs de caridade francesas em solo português, a despeito da lei de banimento das ordens religiosas, arquitectada em 1834 por Mousinho da Silveira e que se lhe afigurava ser o submergível que trazia no bojo o revivalismo das mesmas; a, aliás de forte impacto, que travou com Rodrigues Sampaio em defesa de seu ideário municipalista e anti-centralismo. A menos conhecida, por não haver ocupado lugar na imprensa do tempo, foi a celeuma epistolar que sustentou com o engenheiro sivicultor Bernardino Barros Gomes, católico de arreigada fidelidade ao magistério da igreja hierárquica.<sup>9</sup> Segundo António José Saraiva, nascera a controvérsia da « ilusão de converter Herculano ao que este chamava “neocatolicismo”, consagrado pelo Concílio do Vaticano de 1869-1870 ».<sup>10</sup> Se tal fora, de facto, a intenção, o resultado acabara por ser, na opinião do ensaísta, contraproducente, como expressa: « Apesar da boa intenção e do esgrimir apologético de Barros Gomes, este não mais consegue que acordar o anticlericalismo que a solidão rústica não enfraquecera no velho “lobo do Vale” (como alguém lhe chamava), e se manifestou em cartas vigorosas onde não são poupados ao sarcasmo nem os homens, nem as doutrinas, nem as instituições ».<sup>11</sup>

<sup>7</sup> Alexandre Herculano, *Opúsculos*, III. P. 29, cit. in António José Saraiva, *op. cit.*, p.55.

<sup>8</sup> Vitorino Nemésio « Prefácio », in *As Grandes Polémicas Portuguesas*, I, Lisboa, Editorial Verbo, 1964, p. 1.

<sup>9</sup> Ver textos in Alexandre Herculano, *Cartas*, t. I, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d, pp. 3-129. e in Bráulio Guimarães, «Alma de Apóstolo», *Padre Barros – Gomes. Vítima da República*, Lisboa, Aletheia, 2006, pp. 174-189.

<sup>10</sup> António José Saraiva, *op. cit.*, p. 27.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

A circunstância desta correspondência – datada de 1876, mas só postumamente ao falecimento de Alexandre Herculano que apenas um ano lhe sobreviveu – haver sido publicada decorridas quase quatro décadas, por certo justificará que os biógrafos do grande escritor seus contemporâneos a não tenham mencionado. A celebração do primeiro centenário do nascimento do autor de *A Harpa do Crente* foi, com efeito, o pretexto para ser inserida, em 1911, pela Bertrand na edição de cartas suas que, na altura, fez sair.<sup>12</sup> Pena que a colectânea não incluía as missivas de Barros Gomes de que apenas conhecemos excertos transcritos pelo lazarista P<sup>o</sup>. Bráulio Guimarães, no *Mensageiros de São Vicente de Paulo*, de 1945,<sup>13</sup> que informa havê-los encontrado no espólio do confrade, de quem traçou um edificante perfil biográfico, dado à luz, em volume, há quatro anos.<sup>14</sup>

Quase três decénios separavam em idade os dois intervenientes, ambos lisboetas de berço, ao ocorrer a que seria, e sem palco público, a última controvérsia de Alexandre Herculano, nascido em 1810, enquanto Bernardino Barros Gomes o fora, a 30 de Setembro de 1839, no seio de uma família da alta burguesia.<sup>15</sup> Se em 1876, o futuro lazarista, pois entrara na congregação em 29 de Setembro de 1885,<sup>16</sup> estava no auge de uma carreira profissional coberta de prestígio, para que se preparara cientificamente na Alemanha,<sup>17</sup> o autor de *O Monge de Cister*, em resignado desabafo para Oliveira Martins, reconhecia estar prestes a « dar um passeio até ao outro mundo sem tenção de voltar », <sup>18</sup> como veio a suceder, a 13 de Setembro de 1877, em que partiu a repousar eternamente sob o « amplo manto da piedade de Deus »<sup>19</sup>. Fora franco o debate que Herculano aceitou ao responder-lhe em quatro extensíssimas cartas. Ante a primeira, de Julho de 1876, « escrita do coração e ao correr da

---

<sup>12</sup> Na anotação prévia do editor (p.2) dá-se a seguinte explicação: « as cartas que formam este volume foram textualmente copiadas das minutas deixadas pelo autor. Fazemos esta advertência por prevermos a hipótese de que, na sua redacção definitiva, Alexandre Herculano tivesse, numa ou noutra, introduzido qualquer alteração. São 4 estas cartas, embora só a primeira datada: “Val de Lobos, Julho de 76”, vindo esta a 5-24 p., a 2<sup>a</sup>, 25-61 p., a 3<sup>a</sup>, 67-96 p., e a 4<sup>a</sup>, 97-129 p.. O coordenador juntou a 2<sup>a</sup> um pequeno excerto da primitiva versão (pp.62-66), que Herculano poria de parte antes de concluí-la.

<sup>13</sup> Os excertos das cartas de Barros Gomes, recolhidos pelo Pe Bráulio Guimarães, que fazem parte da biografia ultimamente editada em livro, foram de início publicados nos números seguintes do mensário da congregação lazarista, *Mensageiro de S. Vicente de Paulo*, ano VIII de 1945: Março, nº 3, pp. 75-77; Abril, nº 4, pp. 108-111; Maio, nº 5, pp.138-142; Julho, nº 7, pp. 204-208; Agosto-Setembro, nº 8-9, pp. 235-236.

<sup>14</sup> Bráulio Guimarães, *op. cit.*, pp. 174-175.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 199. A sua exoneração dos cargos oficiais foi publicada no “Diário do Governo”, de 20 de Janeiro de 1883.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 195.

<sup>18</sup> Carta a Oliveira Martins, datada de Vale de Lobos, em Fevereiro de 1877. Cf. Alexandre Herculano, *Cartas*, I, p. 240.

<sup>19</sup> De « A Arrábida », cit. in Vitorino Nemésio, *op. cit.*, I, p. 61.

pena » que lhe foi remetida por Barros Gomes, confessa haver ficado maravilhado ao percebê-la redigida, « numa destas horas de exaltação de espírito », fruto de uma « exaltação religiosa », surpreendente « num homem de ciência, em quem, parece, os sentimentos desta ordem deveriam ser tranquilos e desassombrados ». <sup>20</sup> Não se afigura, porém, muito crível estar, no íntimo, o engenheiro apostado na tentativa de «reconduzir aos sentimentos de um verdadeiro filho da Igreja o grande espírito de Herculano», <sup>21</sup> às avessas com o papado pelas posições doutrinárias anti-liberais de Pio IX e pelas definições dogmáticas da Imaculada Conceição e infalibilidade pontifícia. <sup>22</sup> Nem de igual forma é a opinião de Oliveira Martins ao afirmar, depreciativo, que « a morte veio achá-lo [Herculano] ocupado na empresa de converter um rapaz místico e católico». <sup>23</sup> Como não era honesto considerar moço quem, na altura, andava perto da quarentena e revelava matura informação religiosa sobre o vetero-catolicismo em que se postara o mestre-pensador cuja orgulhosa altivez era de sobejo patenteada. Ao referir-se-lhe, acentua o autor do *Portugal Contemporâneo*: «ódios ao papado, e a paixão do sectário, quando se erguia contra os desvarios dos seus contemporâneos, cegava-o até ao ponto de desconhecer o passado e de aplicar as fórmulas da nossa era a todas as idades». <sup>24</sup> Em semelhante anacronismo resvalara a análise histórica de Alexandre Herculano reflectida nos juízos que fazia acerca dos factos religiosos que testemunhava. Da gravidade do terreno que pisava, ele próprio tinha consciência, pois dizia: « a Santa Madre Igreja, de há muito me trás de olho». <sup>25</sup> Mas, frontal, isso não lhe parecia causar preocupação de maior, como desassombradamente afirma a propósito da supressão das Conferências do Casino, em 1873, bem prestes a pisar o derradeiro degrau da existência: « Nem ambiciono, nem temo que as opiniões, neste como em qualquer outro assunto, sejam sabidas ». <sup>26</sup>

Cientista, católico e homem de cultura, a par da vida pública, interna e externa, na época assaz trepidante, o engenheiro Barros Gomes acompanharia interessado o debate que se travava na imprensa e nos cenáculos lisboetas, onde as questões religiosas eram das actualidades cimeiras a discutir, tais como: o revivalismo crescente das congregações conventuais, e em especial a notória influência da Companhia de Jesus; a difusão da mentalidade católica ultramontana; as tomadas de posição de Pio IX face ao laicismo

<sup>20</sup> Alexandre Herculano, *Cartas*, I, p. 5.

<sup>21</sup> Bráulio Guimarães, *op. cit.*, p. 174.

<sup>22</sup> Pode dizer-se ter aqui residido o pólo polémico mais aceso entre ultramontanos e liberais.

<sup>23</sup> Oliveira Martins, *Portugal Contemporâneo*, II, 8 edição, Lisboa, Guimarães Editores, 1977, p. 253.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

<sup>25</sup> Cit. in Vitorino Nemésio, *op. cit.*, I, p. 68.

<sup>26</sup> Alexandre Herculano, *Opúsculos*, I, edição crítica, Lisboa, Editorial Presença, 1982, p. 169.

liberal. Neste âmbito, o dogma imaculatista,<sup>27</sup> a encíclica *Quanta Cura*,<sup>28</sup> a publicação do *Syllabus*,<sup>29</sup> a definição dogmática da infalibilidade pontifícia no concílio Vaticano I (1869-1870),<sup>30</sup> a ofensiva accionada pela carbonária e movimento independentista para o assalto aos Estados Pontifícios<sup>31</sup> – tudo isto constituía um elenco bastante de factos e temas que alimentavam dois frentismos em que a tolerância e a conciliação se iam tornando cada vez mais remotas. Solitário, na sua tebaida agrícola de Vale de Lobos, seguia Alexandre Herculano o que se passava, com descidas à capital, e, quando solicitado, não se furtava a intervir.<sup>32</sup> O parecer que lhe pedira José Fontana – ao enviar-lhe, fresco do prelo, o discurso de Antero de Quental, *Causas da decadência dos Povos Peninsulares* –, acerca da suspensão pelo governo das « conferências democráticas » do Casino Lisbonense, a 26 de Junho de 1871, era uma longa e amadurecida exposição, com evidente relevância, sobre o denominado neocatolicismo ou vaticanismo, que o escritor recusava

---

<sup>27</sup> O Papa Pio IX (1792-1878), cardeal Giovanni Maria Mastai Ferreti, eleito no conclave de 16 de Junho de 1846, proclamou, apesar das reservas de alguns membros do episcopado, o dogma da Imaculada Conceição, em 1854, que reavivou a piedade mariana, muito contribuindo para sua difusão as aparições da Virgem Maria, em Lourdes, a Bernardette Soubirous, no ano de 1858.

<sup>28</sup> Em 1864, na festa da Imaculada Conceição, com inteiro aplauso da maioria do catolicismo ultramontano, Pio IX, decidido a condenar a sociedade moderna, publicou a encíclica *Quanta Cura* que representou um formal ataque doutrinar a qualquer alternativa de conciliação entre liberalismo e catolicismo.

<sup>29</sup> O *Syllabus*, complemento da *Quanta Cura*, constitui o elenco das proposições condenadas pela encíclica, derivadas dos erros modernos contidos nos conceitos formulados pelo ideário do século XIX, e à volta do liberalismo, racionalismo, nacionalismo, socialismo e outros mais.

<sup>30</sup> A tentativa de democratização dos Estados Pontifícios que, bem intencionado, Pio IX procurara conseguir no início do seu governo, conheceu em duas décadas rotundo fracasso. A proclamação por Mazzini da República romana (1849), na esteira de um generalizado levantamento popular, amedrontou o Papa que, impotente, começou a sofrer os efeitos do liberalismo, carbonária e anti-clericalismo, no interior de seus domínios temporais italianos. Com a partida de Roma, em 1870, dos militares franceses de Napoleão III, envolvido na guerra franco-prussiana, Pio IX veio a perder a soberania dos Estados Pontifícios, facto consumado que recusou reconhecer. Passou, a partir de então, a considerar-se prisioneiro do Vaticano, abrindo assim lugar à denominada questão romana, só resolvida em tempos de Pio XI e Mussolini, com a assinatura dos acordos de Latrão (1929).

<sup>31</sup> O atribulado governo de Pio IX suscitou na Europa católica uma inequívoca onda de simpatia que provocou a inequívoca afirmação do movimento ultramontano, a ponto de conhecer a sua idade áurea com uma punjante restauração da vida religiosa e o crescente apoio à iniciativa da definição da infalibilidade pontifícia. O concílio Vaticano I (8.12.1869 – 20.10.1870), que desde 1865 vinha a ser cuidadosamente preparado, era o primeiro depois de Trento (1545-1563), tendo toda a pressão recaído sobre o debate da infalibilidade pontifícia. Era, afinal, o reflexo da forte influência ultramontana no episcopado conciliar que, em 535 votantes, se inclinou, por 533, a favor da proclamação dogmática da infalibilidade, tendo a constituição apostólica *Pastor aeternus*, de 13 de Julho de 1870, afirmado o primado do Papa e definido a infalibilidade *ex cathedra*, ié, que o Sumo Pontífice, por força da sua autoridade apostólica, como pastor da cristandade, podia impor a toda a Igreja uma doutrina no tocante à fé e costumes. Sobre o pontificado de Pio IX, encíclicas e Concílio Vaticano I, ver, entre muitas outras, as seguintes referências bibliográficas: Fernand Hayward, *Pie IX et son temps*, Paris, Librairie Plon, 1948; Giacomo Martina, « Pie IX », in *Dictionnaire Historique de la Papauté*, dir. de Philippe Levillain, Paris, Librairie Arthème Fayard, 2003, pp. 1343-1349.

<sup>32</sup> Ver, por exemplo, cartas a Oliveira Martins, de 25 de Dezembro de 1872 e Novembro de 73. Cf. Alexandre Herculano, *Cartas*, pp. 214, 228. Acerca do problema da emigração veja-se a polémica com o periodista e agrónomo Paulo de Morais, in *Opúsculos*, II, edição crítica, Lisboa, Editorial Presença, 1983, pp. 61-128.

desdenhosamente aceitar, e as consequências políticas que se poderiam deduzir da interpretação e prática do artigo 6º da Carta Constitucional de 1826 que promulgara o catolicismo romano como a religião do estado.<sup>33</sup> Incluída por sua escolha no primeiro tomo dos *Opúsculos*, saído em 1873, a resposta de Herculano consistia numa réplica provocatória de assinalável dureza, cuja publicidade não temia, deixando-a ao arbítrio do peticionário.<sup>34</sup>

Entregue à direcção da sicultura do Pinhal de Leiria, funcionário público e, em 1874, chefe de divisão das matas do sul do país, Barros Gomes era um perito altamente credenciado sobre a problemática da ruralidade portuguesa da sua especialidade.<sup>35</sup> Colaborador da *Revista Agrícola e Arquivo Rural*, assinara já artigos vários sobre as matas do Algarve e áreas florestais nortenhas.<sup>36</sup> Razão para Herculano não lhe ignorar a actividade e competência científica. Na sua correspondência de 1874, escreve o seu biógrafo P<sup>c</sup>. Bráulio Guimarães, vemos, « juntamente com preocupações religiosas cada vez mais acentuadas, um espírito de apostolado, um desejo de fazer bem que foi sempre uma dominante e simpática manifestação do seu espírito cristão ».<sup>37</sup> E, nas notas intimistas traçadas em 1875, perfazia então 35 anos, pode ler-se algo da marcha espiritual que ia fazendo no sentido de: « Despertar do sentimento religioso... Sincero regresso a Deus... Óptimas Leituras ».<sup>38</sup> Aqui reside o âmagio da « exaltação religiosa » que o autor de *Eurico, o presbítero* descobriu na carta primeira que dele recebeu. Ao determo-nos sobre quem lhe abriria a porta para se aproximar de Herculano, pode aventar-se haver sido seu irmão Henrique Barros Gomes, futuro ministro dos estrangeiros ao tempo do Ultimatum, político progressista<sup>39</sup> e amigo de Anselmo Bramcamp, chefe de fila do partido e investigador histórico reputado.<sup>40</sup> A referida missiva, redigida sem lisonjas nem hipocrisias, mas com sincera transparência, como se

<sup>33</sup> O texto de 43 páginas foi publicado, pela primeira vez, no volume 1º de *Opúsculos*, 1873, pp. 253-297.

<sup>34</sup> Cf. Alexandre Herculano, *Opúsculos*, I, pp. 155-169.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 161. Em 31 de Março de 1862, tendo recebido Bernardino Barros Gomes o diploma de engenheiro sicultor pela Real Academia de Tharandt, na Alemanha, logo no *Arquivo Rural*, em 1863, menciona o seu interesse pelo estudo das matas e arborização florestal. É colocado como adido na Repartição de Agricultura, a 7 de Abril de 1863, e incumbido da administração e exploração dos pinhais de Vale de Zebro e da Machada, na zona de Azeitão. Por despacho ministerial de 25 de Outubro de 1866, passa a ser encarregado do estudo e ordenamento dos pinhais de Leiria.

<sup>36</sup> Publica, pelo tempo adiante, artigos de sua especialidade no *Boletim do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria*, na *Revista Agrícola* e na imprensa da capital. Ver Bráulio Guimarães, *op.cit.*, pp. 59-129.

<sup>37</sup> Bráulio Guimarães, *op. cit.*, pp. 129-130.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>39</sup> Henrique Barros Gomes (1843-1898), formado pela Escola Politécnica de Lisboa, foi deputado progressista aos 25 anos, economista e financeiro, com funções directivas no Banco de Portugal. Sobraçou a pasta da Fazenda de 1879 e 1881 e a do Ultramar e dos Negócios Estrangeiros de 1886 a 1890. Manteve com Oliveira Martins laços de amizade, e é mencionado entre os fundadores da Sociedade de Geografia.

<sup>40</sup> Anselmo Braacamp Freire (1849-1921), par do reino, político, historiador e escritor, cedo aderiu ao ideário e militância republicanos. Presidente da Academia de Ciências e investigador que via em Herculano um mestre a seguir no rigor e crítica histórica, elaborou, em 3 volumes, *Brasões da Sala de Sintra* (1899-1903) e fundou o *Arquivo Histórico Portuguez* (1905-1916).

verifica pelo texto da parte que resta na cópia arquivada, no espólio à guarda da Congregação de São Vicente de Paulo da província portuguesa, principia por salvar a boa fé de Herculano na doutrina que professa e defende.<sup>41</sup> Justificando a decisão de escrever-lhe, declara serem três as reflexões que o moveram: 1º - o isolamento em que ele se coloca; 2º - a diferença, por certo muito grande, entre a sua posição e a de Döllinger, mentor dos velhos católicos germânicos;<sup>42</sup> 3º - « o excesso da sua indignação contra os que abusam da Igreja, por mais de uma forma, do poder que Deus lhes deu »<sup>43</sup>. E passa, de imediato, a explicar-se: a prova do isolamento está em que não houve em 1854 um só protesto de bispos contrário à definição dogmática da Imaculada Conceição,<sup>44</sup> nem apoio às ideias de Döllinger que explicitou a sua discordância face à infalibilidade pontifícia solenemente proclamada em 1870, no Concílio Vaticano.<sup>45</sup> Reputa também exagerada a indignação

<sup>41</sup> Bráulio Guimarães, *op. cit.*, p. 175.<sup>34</sup> Cf. Alexandre Herculano, *Opúsculos*, I, pp. 155-169.

<sup>42</sup> Johann-Josef-Ignaz von Döllinger (1799-1890), sacerdote católico e teólogo alemão, ao tempo, e, segundo Herculano, « o mais notável historiador das origens da igreja », membro da Academia das Ciências de Munich, com quem o escritor português mantinha assídua correspondência. Ver: Alexandre Herculano, *Cartas*, I, p. 98; António Leitão de Figueiredo, *Herculano e Döllinger, Contributo para o estudo das Relações Literárias Luso-Alemãs*, Coimbra, Instituto Alemão da Universidade, 1938. À morte de Herculano, pronunciou Döllinger, na Real Academia das Ciências da Babiera, a 28 de Março de 1878, o seu elogio fúnebre, que viria a ser traduzido em português, por Sampaio Bruno, e editado no Porto em 1910. A propósito das razões pelas quais Herculano recusava aceitar o dogma da infalibilidade pontifícia, Döllinger escreve: « [...] antes de aparecerem os decretos do Vaticano de 1870, muitas causas concorreram para tornar Herculano inimigo declarado da hierarquia romana e nacional, tanto mais temível por isso que era havido em todo o país por homem sinceramente religioso e longe do indiferentismo e cepticismo francês. [...] Quem conhecia os sentimentos de Herculano, sabia de antemão como receberia os decretos do concílio Vaticano. Ele, o cristão sincero e historiador profundo, julgou-os um crime atroz; um rompimento formal com a doutrina tradicional; uma alteração do depósito da fé, enquanto que antes a imutabilidade do dogma era proclamada como carácter essencial do catolicismo. Alguns meses depois de concluído o concílio, escreveu num folheto que tinha por grande escândalo aquela fábrica de artigos de fé, tal qual Pio IX a estabelecera sob a influência dos jesuítas. Solicitou do governo [português] que se negasse a reconhecer aqueles decretos e doutrinas, porque destruíam a continuidade da Igreja, exigida pelo texto do artigo da Carta, que declara a religião católica religião do Estado ». Cf. Johann-Josef-Ignaz von Döllinger, *Elogio Histórico de Alexandre Herculano*, versão directa do alemão, Porto, Editora Empresa da História de Portugal de Schaefer, 1910, pp. 35,37. Sobre a repercussão em Portugal do problema da infalibilidade no Concílio Vaticano, ver: Manuel da Rocha Felício, *Portugal e a Definição Dogmática da Infalibilidade Pontifícia*, tese de doutoramento policopiada, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa / Faculdade de Teologia, 2000, pp. 381-429. Acerca do Concílio Vaticano I e o Estado Português, ver David Sampaio, «O Concílio Vaticano I e o Governo Português (18769-1870)», in *Lusitania Sacra*. Revista do Centro de Estudos da Universidade Católica, 2ª série, tomo I, (Lisboa, 1989), pp. 11-40.

<sup>43</sup> Bráulio Guimarães, *op. cit.*, p. 175.

<sup>44</sup> Ver, supra, n. 27.

<sup>45</sup> Em redor dos que, como Döllinger, se recusaram a aceitar o dogma da infalibilidade se constituiu uma pequena igreja, sem cabeça episcopal, porque os bispos que a princípio se recusaram aceitar o novo dogma acabaram por se submeter a Roma. Denominados de velhos católicos, estes cristãos separados uniram-se à antiga igreja jansenista holandesa de Utrecht que, hoje, faz parte da seita cristã Balladur. Cf. Stéphane Arthur Michel Bonnet, *Encyclopédie des Papes*. Paris, Editions Patrick Banon, 1996, p. 301. Alexandre Herculano incluía-se, ex-professo, entre esses “velhos católicos”, sendo que, acerca do objecto doutrinar da infalibilidade, o escritor defendia: «Os dogmas religiosos, que exclusivamente se referem a relações puras entre Deus e a nossa vida interior, são imutáveis; mas a moral cristã, imutável também nos seus princípios revelados, devendo forçosamente manifestar-se no objectivo, no mundo real, tem de se acomodar às fases por que vai passando a civilização, e cumpre que aproveite as condições desta mesma civilização para exercer a sua acção benéfica». Alexandre Herculano, *Cartas*, I, pp. 34 e 55.

que manifesta, porque, se alinhamos «com os nossos bispos apesar dos seus defeitos», não faz sentido declarar que «o corpo episcopal todo com o papa à frente está herege há 22 anos, e cada vez mais herege».<sup>46</sup> Aliás, não lhe custa reconhecer que «todos estamos sujeitos a ser Renans, tipos de ciência cega, e de muito lidar em vão».<sup>47</sup> Tendo a Igreja a sua autoridade tutelar, está certo que Herculano a ela se queira acolher, como ele próprio também a ela recorre. Deus, acentua o engenheiro a finalizar, não «faltarão com o seu auxílio, na medida da sinceridade e também da humildade dos nossos esforços».<sup>48</sup>

Seria de esperar que Alexandre Herculano, como veio a acontecer, trouxesse a resposta para um âmbito mais lato, onde a sua vastíssima cultura dominaria. Abriu, por conseguinte, as portas ao arsenal da sua erudição histórica, teológica e literária, polvilhando a réplica de ironias e sarcasmos, de que, nas polémicas, quando a propósito, não se coibia.<sup>49</sup> À exaltação religiosa do interpelante, opõe-lhe a razão em que, para si, o catolicismo se estriba. É nessa base que se afasta do marianismo e infalibilismo, «heresias recentes, heresias de especulação», que acredita se extinguirão, como aconteceu a outras surgidas ao longo dos séculos.<sup>50</sup> E desafia-o a que lhe mostre um só catecismo onde venham mencionados tais dogmas. Aponta, ironicamente, o silêncio dos bispos não publicando «novos compêndios onde se engastem» estas «duas preciosidades», pelo que arriscariam a «ir de roldão para o inferno os respectivos rebanhos» por não crerem no que «crê e ensina a santa madre igreja, frase absoluta e um tanto cismática dos antigos catecismos, o padre Becky, geral dos jesuítas, e o seu secretário João Mastai, por apelido Pio IX».<sup>51</sup> A tecla do anti-jesuitismo, de resto sem surpresa por então na moda, é, pois, ferida como o inimigo maior anti-liberal e símbolo da infabilidade neo-católica a abater.<sup>52</sup> A infabilidade, sublinha Herculano, reside «na unanimidade moral de todos os fiéis» e dos bispos, cujo ministério é afirmar a tradição.<sup>53</sup> O Papa, no concílio, manipulou-os ao usar: os cento e muitos prelados *in partibus*, que representam «pontos incertos do mapa-mundi»; os 48 cardeais presentes, «presbíteros e diáconos»; os 46 chefes das «Congregações da Fradaria»; os dignitários dos Estados Pontifícios, «espécie de curas sagrados em bispos para engrossar as fileiras

<sup>46</sup> Cf. Bráulio Guimarães, *op. cit.*, pp. 175-176.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 176.

<sup>48</sup> *Ibidem*.

<sup>49</sup> Carta de Herculano, a primeira, datada de Julho de 1876. Ver *Cartas*, I, pp. 24-61.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 7.

<sup>52</sup> *Ibidem*, pp. 14-15, 20-24.

<sup>53</sup> *Ibidem*, pp. 9-10

do episcopado ultramontano».<sup>54</sup> Na mesma toada cáustica, acusa Pio IX de ter ignorado o significado dos 88 que votaram contra a infalibilidade, e os 70 que virtualmente fizeram o mesmo, e os 62 que não ousaram falar claro, e os não sei quantos que fugiram».<sup>55</sup> De resto, não contestaram, como deviam, a composição da assembleia contra a validade jurídica das suas resoluções.<sup>56</sup> A outros reparos feitos, Herculano responde: desde a novela *O Pároco de Aldeia*, que lhe aponta como espelho fiel da identidade com o catolicismo da tradição, aceita ter havido mudança, pois o que pensava aos 25 anos é diferente do que hoje, aos 66, sente;<sup>57</sup> o entendimento para Barros Gomes de definição conciliar é o de *inventar*, de *invenção*, quando devia « exprimir com clareza uma proposição, uma concepção », i é, « aperfeiçoar e mudar a fórmula sem que por isso mude a doutrina » sobre um objecto já existente; a antipatia pelos bispos, que lhe aponta, explica-se por achá-los sem zelo apostólico e movidos por « interesses e considerações mundanas ».<sup>58</sup> O inciso sobre o que chega de França permite-lhe a autodefesa da posição que tomou, aquando da questão das irmãs da caridade daquela nação – freiras de “toucas extravagantes” e “baldraus” a acompanhar nas carruagens « fidalgas velhas e feias, e por consequência tementes a Deus » –, fora por afigurar-se-lhe que « eram instrumento da reacção ultramontana », obedecendo « a um superior estrangeiro, contra a letra expressa do nosso pacto social ».<sup>59</sup> Foi, porém, a « opinião pública que pôs na rua as franceses »; e, se o beatério as meteu de novo, « hão-de sair outra vez », afiança.<sup>60</sup> A terminar, agradece que se lhe relevem estas « tontices de velho, que soube noutro tempo alguma coisa da história da igreja e das suas doutrinas, mas que hoje quase só pensa em melhorar os produtos agrícolas de seu conchouso », e se reconhece « já muito duro para mudar de religião » e fazer-se « adepto do beatério de carruagem ».<sup>61</sup>

Bernardino Barros Gomes agradece polidamente a carta de Herculano, cujas obras literárias, com destaque para *A Harpa do Crente*<sup>62</sup> e *O Pároco de Aldeia*, proporcionaram, a si e aos seus, « horas de fortalecimento do espírito religioso que a seu tempo frutificaram », como sublinha pelo que se rastreia no borrão deixado.<sup>63</sup> A primeira objecção que faz ao historiador,

---

<sup>54</sup> *Ibidem*, pp. 16-17,70.

<sup>55</sup> *Ibidem*. p. 16.

<sup>56</sup> *Ibidem*. p. 17.

<sup>57</sup> *Ibidem*. p. 6.

<sup>58</sup> *Ibidem*. p. 13,17.

<sup>59</sup> *Ibidem*. p. 11

<sup>60</sup> *Ibidem*.

<sup>61</sup> *Ibidem*. p. 24.

<sup>62</sup> Colectânea de poesias publicada em 1838 e depois incluída no volume *Poesias* (1850).

<sup>63</sup> *Ibidem*. p. 178

segundo se deduz do remanescente do texto original, de modo a provocar-lhe réplica, é a referência à narrativa do “velho pároco”, que recorda «não para ter o prazer cruel de esquadrihar contradições», mas como quem recorre «a um velho amigo que alegra relembrar» e o «ajuda a esperar boa harmonia» que bem deseja se reconstrua.<sup>64</sup> Intuito semelhante o levou a citar o *Catecismo* de D. Frei Bartolomeu dos Mártires,<sup>65</sup> «onde se encontra, e nesses livrinhos tão singelos e eficazes», o melhor do ensino episcopal de então até hoje.<sup>66</sup> Se tivera a ousadia de querer reconciliá-lo com os «últimos concílios» fora por ainda o considerar «membro daquela família histórica» que Herculano «tão bem sabe definir e compreender», a igreja de sempre.<sup>67</sup> A recusa que do escritor recebeu, atribuída a imperativos da razão, assenta na obrigação, que lhe é recomendada, de não a «pôr de banda» no exame das questões religiosas.<sup>68</sup> Os motivos, porém, que aduz concretamente são: o estado actual da igreja; o papel pernicioso dos jesuítas; as consequências que prevê pelos erros entretanto cometidos, e as frases que entende carecerem de correcção.<sup>69</sup> Retorquiu Barros Gomes que, primeiro, tudo leu com atenção e a sós, boa vontade e respeito.<sup>70</sup> E, depois de recorrer aos seus livros, passa a responder-lhe, só a modo de «desabafo e expansão natural».<sup>71</sup> Principia pelo «espectro negro», ou seja, o jesuitismo em que o liberalismo concentra os seus preconceitos para com a Igreja, mas «apesar do qual» Herculano «quer ser católico».<sup>72</sup> Confessa Barros Gomes que igualmente o conheceu pelos efeitos sentidos na casa paterna.<sup>73</sup> Esse «pesadelo» arrastou-o depois «por terras de hereges», a Alemanha, e se bem que «a braços com ele» começou a vê-lo «por nova forma».<sup>74</sup> Aconteceu mesmo vir a substituí-lo pela influência benfazeja do lazarista P<sup>e</sup>. Estêvão Miel que lhe pôs na mão o livro *Invitation de St. Vincent de Paul* (1860), do professor de teologia de Bordéus, P<sup>e</sup>. Delaporte,<sup>75</sup> que o «fez subir escadas de pobres» e juntar-se aos «carolas» que nos domingos «vão lavar a cara» aos pobres doentes do Hospital de S. José, pensando até fazer-se membro das conferências vicentinas.<sup>76</sup>

<sup>64</sup> *Ibidem*. p. 179

<sup>65</sup> D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, *Catecismo ou Doutrina Cristã*, Braga, Oficina de António de Morais, 1564. Até 1785 contou 15 edições. Depois desta data, a impressão seguinte apareceu apenas no século XX (1962).

<sup>66</sup> Cf. Bráulio Guimarães, *op. cit.*, p. 179.

<sup>67</sup> *Ibidem*.

<sup>68</sup> *Ibidem*.

<sup>69</sup> *Ibidem*. pp. 178-179.

<sup>70</sup> *Ibidem*. p. 179

<sup>71</sup> *Ibidem*.

<sup>72</sup> *Ibidem*.

<sup>73</sup> *Ibidem*.

<sup>74</sup> *Ibidem*.

<sup>75</sup> *Ibidem*. p. 382 n. 219.

<sup>76</sup> *Ibidem*.

Acompanhado da mulher, além de confissão protestante, passou a visitar, o colégio das irmãs francesas que se dedicam à educação de crianças.<sup>77</sup> Dali, deslocou-se ao Instituto das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, fundado pelo P. Raimundo Beirão, egresso da ordem seráfica.<sup>78</sup> Tem sido o continuar neste humilde caminho vicentino, que o tal «espectro negro mais ou menos jesuítico» lhe não deixava ver, a levá-lo a afirmar ser ele que o desvia das crenças de Herculano, «porque o orgulho é um defeito que se alimenta de nobres qualidades», que reconhece não possuir.<sup>79</sup> Assegure-lhe, adiante, que, se não *protesta*, como ele, «contra os bispos que apoiaram ou se submeteram às últimas decisões conciliares», é porque não viu ainda nenhum deles protestar.<sup>80</sup> Mais: não encontra fundamento para valorizar os votos dos bispos por «representarem dioceses mais ou menos antigas, mais ou menos esclarecidas».<sup>81</sup> Na verdade, «em todos os tempos cristãos, os bispos representam não a quem vem ensinar, mas quem os manda ensinar». Lembra que sempre se falou das opiniões dos bispos «antes das definições dogmáticas e que estas seriam inúteis se não fosse preciso suprimir algumas opiniões».<sup>82</sup> Sugere, pois, para se aguardar «que os bispos protestem para nós protestarmos ». No prosseguimento ainda da resposta a Herculano, refere que os livros sobre os jesuítas, de que dispõe, a saber: obras do bispo de Orleães, Mons. Dupanloup,<sup>83</sup> de Santo Afonso Maria de Liguori,<sup>84</sup>

---

<sup>77</sup> *Ibidem*.

<sup>78</sup> *Ibidem*.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 181.

<sup>80</sup> *Ibidem*.

<sup>81</sup> *Ibidem*.

<sup>82</sup> *Ibidem*.

<sup>83</sup> Mons. Félix Dupanloup, bispo de Orleans, era um acérrimo opositor da definição dogmática da infalibilidade pontifícia, até por uma questão de oportunidade, dada a perda dos Estados Pontifícios, sobre os quais o Papa exercia plena soberania temporal. O documento que publicara a exprimir com desassombro a sua opinião apareceu, em tradução portuguesa, logo no início do Concílio Vaticano: *Carta sobre o futuro concílio ecuménico dirigida por Mons. Bispo de Orleães ao clero da sua diocese*, trad. de Francisco António Fernandes, Porto, Tipografia da Livraria Nacional, 1869. Pensava-se que o seu voto contra a infalibilidade arrastaria, pelo menos, o grupo dos bispos franceses de simpatia liberal. Pertencia a este grupo o arcebispo de Paris, Mons. Darboy, que, na aula conciliar de 11 de Novembro de 1869, pronunciou uma intervenção a ponto de afirmar que a definição da infalibilidade acarretaria a ruína e desaparecimento do poder temporal, conforme se podia ler na secção « O Concílio », do *Diário de Notícias*, de 02.06.1870. Contrário à aceitação desse dogma, Alexandre Herculano estava por inteiro ao corrente destas posições. Ver *Cartas*, I, pp. 7-8.

<sup>84</sup> S. Afonso Maria de Liguori, canonizado em 1839 por Clemente XIII, nasceu em Mariannella, a norte de Nápoles, em 1696 e faleceu em 1787. Tendo abandonado a advocacia, foi ordenado sacerdote em 1726 e em 1732 fundou a congregação do Santíssimo Redentor (redentoristas). Bispo de Santa Águeda da dos Godos, pequena diocese do reino de Nápoles, em 1762, escreveu numerosas obras, sendo a *Theologia Moralis* (1748), a mais importante. Ocorreu, no declínio da sua vida, a expulsão dos jesuítas, cujo trabalho pastoral tinha em grande apreço.

<sup>85</sup> P. João Loureiro (1710-1791), sacerdote jesuíta, natural de Lisboa onde faleceu, foi missionário no Oriente, passando por Goa, Macau, Cambodja, Sião. Recolheu, nestas andanças asiáticas, elementos para elaborar a *Flora Cochinchinensis* (1790).

do P. Loureiro,<sup>85</sup> botânico, astrónomo e missionário português, mostram que a opinião da Igreja sobre os inacianos é «a melhor e a mais segura».<sup>86</sup> Insiste, por isso, na submissão à autoridade da igreja, proclamada desde S. Jerónimo a S. Vicente de Paulo, e lembra, a propósito, que «o cristianismo é o inventor de duas maravilhas» que nas frases lapidares de Fr. Luís de Sousa, autor da *Vida do Arcebispo*, se chamam “liberdade humilde” e “humildade magnânima”.<sup>87</sup> Discorda, também, de Herculano por atribuir o aparecimento do protestantismo à corrupção de Roma, quando, como está convicto, ela se deveu à corrupção humana que, como se sabe, nunca acaba, a começar pela própria, com a qual forçoso é mais nos preocuparmos.<sup>88</sup> Parece-lhe, assim, que a submissão é uma « bênção de Deus », desejando que Herculano «lhe dê maior lugar, exactamente naquela época da vida onde mais podemos descrever dos nossos próprios esforços e recursos, por grandes que eles ainda sejam ou tenham sido».<sup>89</sup> Barros Gomes acrescenta que a isso persuade o quadro traçado pelo historiador acerca «do estado da Igreja, entregue a uma espécie de anticristo – o geral dos jesuítas», quadro esse que nem um protestante engendraria melhor.<sup>90</sup> Estas as razões que levam o engenheiro a achar mais prudente e sábio acatar a regra de submissão aos bispos.<sup>91</sup> As insinuações e a acutilância da clareza das conclusões finais da missiva eram, de facto, demasiado directas para Alexandre Herculano as não sentir.

Ao replicar-lhe, alonga o historiador algumas das reflexões já feitas, principiando pela acentuada insistência de Barros Gomes em exaltar «a humildade como o grande meio de não errarmos na fé».<sup>92</sup> Procura, por isso, alargar o horizonte da polémica. Faz-lhe notar, assim, que se não segue, embora respeite, essa atitude cuja exigência, segundo o que induz, é não indagar «se é bom, se é mau, se é verdade, se é mentira o que nos ensina o bispo», o motivo reside na circunstância de que isso o conduziria a ter de renunciar por completo à razão e à consciência do homem perante outro homem.<sup>93</sup> Nesta lógica, contrapõe que a virtude cristã, celebrada pelos pontífices dos « séculos primitivos » e não inferior à humildade, é a tolerância, ou seja, o respeito pelo modo de pensar do outro.<sup>94</sup> Foi isso que Barros Gomes, na carta anterior, não compreendeu, como se percebe ao falar-lhe do *nosso mundo religioso liberal*.<sup>95</sup> Por este, entende Herculano ser «a conciliação da sociedade religiosa

<sup>86</sup> Cf. Bráulio Guimarães, *op. cit.*, p. 182.

<sup>87</sup> *Ibidem*.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 183.

<sup>89</sup> *Ibidem*.

<sup>90</sup> *Ibidem*.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 184.

<sup>92</sup> Alexandre Herculano, *Cartas*, I, p. 25.

<sup>93</sup> *Ibidem*.

<sup>94</sup> *Ibidem*.

<sup>95</sup> *Ibidem*, p. 26

com a sociedade liberal moderna, com o liberalismo; conciliação que foi o sonho dourado de tantos católicos, mais ou menos ilustres, mais ou menos obscuros; que foi o sincero empenho de Gilberti», Montalembert, Lamartine e o seu próprio, mas «de cuja possibilidade, por enquanto» se desenganou, «expulso como está o verdadeiro catolicismo da igreja oficial».<sup>96</sup> Atesta-o a declaração de Pio IX, na alocução *Jam dudum cernimus*, de 18 de Março de 1861, ao constituir um « erro doutrinal a proposição de que o pontificado devia transigir com o progresso e conciliar-se com o liberalismo ».<sup>97</sup> Mais: « no Syllabus inteiro está a condenação expressa de todos ou quase todos os axiomas liberais».<sup>98</sup> Eis por que, conclui Alexandre Herculano, sem abdicar da razão, se «não pode ser ao mesmo tempo liberal e católico da moda».<sup>99</sup> Daqui, ser impossível decidir converter-se às ideias de Barros Gomes, o que só aconteceria se, em consciência, lhe fosse lícito aceitar dois incentivos; 1º – a comodidade que tais doutrinas seriam para o espírito, pois « ver, examinar, reflectir, julgar, mói, devora a vida; 2º – « a enorme vantagem de seguir o padre Étienne [ Miel ]», homem prático de reputação colossal que conhece bem a superioridade dos negócios rentáveis ».<sup>100</sup> Só que ele, Herculano, foi « muito mal educado», aprendendo « a ler letra redonda pela versão bíblica do padre Pereira [ Figueiredo], refinado herege, como quase todos os oratorianos de quem fui depois discípulo».<sup>101</sup> E acrescenta, ainda, ter aprendido a ler «letra de mão» por uma «história evangélica do bispo do Maranhão, D. Frei António de Pádua» que morreu hóspede de sua família.<sup>102</sup> Maus princípios esses, comenta com irónico acento. Esta referência motiva uma desenvolvida explanação, através da qual ataca os lazaristas e as «trevas», espalhadas pelas recentes heresias do Vaticano, e exalta o catolicismo. com fundamento na tradição «que consiste na doutrina aceite e professada em todo o tempo, por toda a parte e por todos os membros dessa sociedade», e que faz, «de em vez de se curvar diante da infalibilidade de um homem, se curvasse diante

---

<sup>96</sup> *Ibidem*.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>98</sup> *Ibidem*.

<sup>99</sup> *Ibidem*.

<sup>100</sup> *Ibidem*, pp. 27-28.

<sup>101</sup> *Ibidem*, p. 29. O P. António Pereira de Figueiredo (1725-1797) foi um célebre religioso da Congregação do Oratório, teólogo, gramático, exegeta e historiógrafo, teorizador do regalismo português e ideólogo do pomalismo, deixando numerosa bibliografia e uma vernacular tradução da vulgata latina da Bíblia Sagrada, em 17 volumes (1783-1790).

<sup>102</sup> D. Fr. António de Pádua e Belas (1732-1808), da ordem dos franciscanos observantes reformados da Província de Arrábida, foi bispo do Maranhão (1783-1787) e, após haver resignado, regressou à Metrópole onde faleceu. Escreveu a *Arte de viver em paz com os homens* (1783) e corrigiu e aumentou a tradução da *Imitação de Cristo* que na época circulava. Ver Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português*, I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, p. 217; XX II, pp. 335-337.

<sup>103</sup> Alexandre Herculano, *Cartas*, I, p. 36.

da infalibilidade da igreja». <sup>103</sup> Não perde, de resto, o ensejo de renovar o preconceituoso ataque ao jesuitismo; <sup>104</sup> ao *Syllabus*; aos bispos conciliares, «grandes velhacos» <sup>105</sup> como lhes chama; aos milagres de Lourdes que, para si, não eram mais do que «orgias reaccionárias»; <sup>106</sup> e ao culto das imagens da Virgem Maria. <sup>107</sup> Acredita que, se ressurgir « a antiga tradição e a antiga disciplina, o marianismo e o fariseísmo irão juntar-se às outras obscenidades que mancham a espaços os anais da sociedade cristã ». <sup>108</sup> De resto, condição para o cristianismo e a liberdade se unirem. <sup>109</sup> Nos incisos de análise histórica e nos exemplos evocados, a coerência do liberal militante, que até ao extremo esgrima pela sua “dama” nas ideias e convicções, ressalta sem esforço.

A 17 de Agosto, Barros Gomes volta a retorquir a Herculano com «liberdade humilde», acentua, grato pela condescendência do historiador em permitir fazer chegar-lhe a sua « pobre opinião », sem quebrar « um só momento da afeição » que ele e todos lhe devem. <sup>110</sup> Fã-lo, como confessa, « com uma ousadia de criança que alguns cabelos brancos nem perturbam nem desanimam ». <sup>111</sup> Principia por dizer que Alexandre Herculano, tão « cheio de ciência e de consciência, é vítima da própria ciência ». Não doente de heresia, qualquer português, com um « bocado de coração e inteligência, sentirá tanto mais crescer a afeição e o respeito », por ele, « quanto melhor se aperceber das causas do seu erro ». <sup>112</sup> Segundo pensa, com franqueza o afirma, o autor de *A Harpa do Crente* « está um herege: 1º - porque *não tem um só bispo a seu lado*; 2º - porque *desconhece um pedaço de velho catolicismo* que consiste em todos se voltarem sempre para o papa como árbitro supremo das questões religiosas, como presidente nato dos concílios e da Igreja universal, como verdadeiro confirmador da fé ». <sup>113</sup> Discorda da interpretação, « liberal de mais », que o escritor dá à passagem do evangelho de Lucas (22,32) que manda Pedro confirmar os irmãos, sendo que, para isso, « será preciso errar primeiro e humilhar-se depois ». <sup>114</sup> Por sua vez, a Igreja oficial entende, hoje, que, « para exercer esta suprema função eclesiástica, é preciso nunca errar nesse exercício, que não é emprego de todas as horas e de

<sup>104</sup> *Ibidem*, pp. 47-88.

<sup>105</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>107</sup> *Ibidem*, pp. 51-53.

<sup>108</sup> *Ibidem*, pp. 60-61.

<sup>109</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>110</sup> Cf. Bráulio Guimarães, *op. cit.*, p. 185.

<sup>111</sup> *Ibidem*.

<sup>112</sup> *Ibidem*.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 186. Em itálico, como na página citada.

<sup>114</sup> *Ibidem*.

<sup>115</sup> *Ibidem*.

todos os momentos, mas que necessariamente tem de se exercer e tem sido exercido de tempos a tempos com solenidade». <sup>115</sup> Por isso, o *confirma fratres tuos* do velho catolicismo « reveste a fórmula *Summus Pontifex ex cathedra dicens infalibilis* que soa o mesmo que o dito de S. Agostinho *Roma locuta est, causa finita est* ». <sup>116</sup> As opiniões discordantes dos bispos, acrescenta, « só têm de passar geralmente por dois períodos: um de submissão por humildade e fé, à Fénelon; outro é o de submissão, por convicção, conseguida afinal pelo *estudo e reflexão cristã* ». <sup>117</sup> Daí, a necessidade absoluta da humildade. Ora o que está a agitar-se no coração de Herculano é o orgulho, «fatalíssima erva daninha das nossas searas cristãs». Eis por que elogiou a humildade. <sup>118</sup> E porque, acentua Barros Gomes, se lhe « meteu na cabeça que o homem que escreveu o *Pároco*, que soube fazer uma figa a toda a filosofia do seu tempo, que soube ser liberal e, apesar de liberal, reconhecer as imperfeições da sua própria obra naquela frase que lhe ouvi: “essa cacaborrada que nós por aí fizemos ...”, que soube justificar o culto dos séculos e as capelinhas e as devoções a Nossa Senhora e, sobretudo, que soube e sabe ocupar o primeiro lugar no mundo literário da nossa bela língua, não pode ser indefinidamente vítima do espectro negro e ficar reduzido a chamar hipócrita a todo o mundo eclesiástico, como o *sábio* Renan *conclui*, na sua *prodigiosa sabedoria*, que *Nosso Senhor mesmo o devia ter sido!* ». <sup>119</sup> Melancólico saudosismo e elogio aberto com a tolerante desculpa de que desvios tais, se são descuidos próprios da inteligência humana, eram porta aberta ao apelativo atrevimento para o regresso cristão do pródigo: a reconciliação com a marcha presente da igreja. <sup>120</sup>

Não o deixa Alexandre Herculano sem resposta, até porque não provocou a discussão. <sup>121</sup> Insiste este que «os dogmas devem ser hoje os que eram no tempo dos apóstolos»; e, para ele refutar a sua argumentação, seria preciso provar: que «em qualquer dos séculos cristãos se acrescentou um único dogma novo à tradição apostólica, ou que a imaculada conceição e a infalibilidade do papa foram dogmas recebidos unanimemente pelos fiéis e fizeram sempre parte da tradição desde o primeiro século da igreja». <sup>122</sup> Prova feita, ou se converte ou fica herege. Repisa, então, as declarações justificativas da sua posição, anteriormente expostas, fundadas na carência de uma maioria moral na assembleia conciliar e « na falta de seriedade

---

<sup>116</sup> *Ibidem*, pp. 186-187.

<sup>117</sup> *Ibidem*, p. 187.

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 187.

<sup>119</sup> *Ibidem*. Em itálico, como na página citada.

<sup>120</sup> *Ibidem*, pp. 187-188.

<sup>121</sup> Alexandre Herculano, *Cartas*, I, p. 67.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 68

<sup>123</sup> *Ibidem*, p. 71

católica dos bispos actuais ».<sup>123</sup> Dedicar um maior desenvolvimento ao texto de S. Lucas, *confirma frates tuos*, « pedra angular do infalibilismo » e de tanta importância para o ultramontanismo,<sup>124</sup> bem como à afirmação de S. Agostinho – *Causa finita est; Utinam finiatur error* –, cuja exactidão é esta, assim o reafirma, evocando a circunstância histórica em que foi proferida. Mas isso daria aso a fazer um livro, e ele ganha medo a fazer livros.<sup>125</sup>

Completaria ainda, naquela última carta, também sem data, os esclarecimentos a observações que Barros Gomes lhe fizera, como, por exemplo, à de que Döllinger, «o célebre heresiarca de Munich », e o mais distinto teólogo católico alemão, «não protestou contra a blasfémia do imaculatismo».<sup>126</sup> Esse «dogma neo-católico» é, para si, «uma das piores heresias [...] que têm vindo ao mundo», não passando de «grosseira superstição, combatida energicamente pelas maiores inteligências da igreja».<sup>127</sup> Mas, se Döllinger não protestou contra o dogma imaculatista, ele também não. Pois, se qualquer «cristão tem o direito de protestar contra a heresia, não tem *obrigação* de o fazer, não sendo provocado».<sup>128</sup> Bastaria não aceitá-lo e conservar «intacta a tradição dos maiores». Ora esta e «o neo-catolicismo são inimigos irreconciliáveis».<sup>129</sup> Em um mais directo ataque *ad hominem*, permite-se dizer que Barros Gomes «é um triste exemplo da ilusão em que o jesuitismo ou o lazarismo (lojas da mesma mercadoria com diversidade de taboetas) sabe envolver as almas cândidas que pode uma vez atrair».<sup>130</sup> Adverte que a expressão *ex-cathedra* teve um sentido «perfeitamente contrário» ao que lhe é dado na constituição *Pastor aeternus* que leva a abraçar autênticas heresias, como seja: «O testemunho de um homem, que pode ser mau ou inepto, dispensa e inutiliza o testemunho irrefragável da igreja».<sup>131</sup> E este «é o dogma neo-católico», sendo a *Pastor aeternus* «o manifesto de uma conspiração que progride há séculos, que rebenta em revolução e que se afirma solenemente, revolução contraditória com as revoluções sociais da nossa época, e que, portanto, as abomina a amaldiçoar».<sup>132</sup> Disserta, de novo, acerca da infalibilidade pontifícia, procurando desconstruir a interpretação teológica do neo-catolicismo como a apresentam alguns de seus mais reputados defensores.<sup>133</sup> Reserva a parte

<sup>124</sup> *Ibidem*, pp. 79-80.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 96.

<sup>126</sup> *Ibidem*, p. 97.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 98.

<sup>128</sup> *Ibidem*, p. 99.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p. 105.

<sup>130</sup> *Ibidem*.

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>132</sup> *Ibidem*, pp. 113-114.

<sup>133</sup> *Ibidem*, pp. 114-122.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 123.

final da carta aos milagres de Lourdes, que julga atestados «por uma imensa hipocrisia que está gangrenando e dissolvendo a hierarquia da igreja».<sup>134</sup> E desafia Barros Gomes a que lhe demonstre ser a sua indignação, a esse respeito, «anti-evangélica», rematando de pronto: «Desde que V. Ex<sup>a</sup> me certifica que acredita nos milagres de Lourdes, deve ser esta a minha última carta sobre matérias de crença. A discussão entre nós, se não se tornou impossível, tornou-se inútil».<sup>135</sup> Ora, se as posições são inconciliáveis, acrescenta: «Pondo de parte a questão desta espécie de arianismo do século XIX, a que podemos chamar o Vaticanoismo, complexo de infalibilismo e de marianismo, em tudo mais V. Ex<sup>a</sup>. achará em mim um ânimo pronto para obedecer aos seus preceitos».<sup>136</sup>

Constitui esta controvérsia a derradeira amostra do fôlego polêmico de Alexandre Herculano que, nos inúmeros debates em que se envolveu de ânimo próprio ou provocado, jamais deixou ferida a autenticidade do homem de cultura e convicções que sempre teve e aqui se mostra, uma vez ainda, de corpo inteiro: coerente, altivo, exímio no manejar dialéctico e na inteligência com que usava a erudição enciclopédica adquirida no seu excepcional labor de autodidacta genialmente dotado. A controvérsia com Bernardino Barros Gomes, muito pouco conhecida e por alguns contemporâneos, como o jacobino Gomes de Brito,<sup>137</sup> ridicularizada, é um documento curioso e revelador das temáticas conjunturais que amimaram as controvérsias entre ultramontanos e liberais na segunda metade de novecentos, período de tão apaixonante interesse.

---

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>137</sup> Ver Inocêncio Francisco da Silva, *op. cit.*, XXI, p. 80.

